

Essa situação de “livre flutuação”, de estar “sem amarras”, de “desarran- gamento”, que caracteriza o intelectual em geral, vale tanto mais para o intelectual judeu do século xx, frequentemente nômade, exilado, reduzido a uma situação marginal, instável ou precária.

O conceito de “intelectual judeu” implica, em si mesmo, uma dimensão comparativa, visto que a situação das comunidades judaicas e as cor- rentes culturais e políticas que as atravessam são bem diferentes, con- forme os países ou os ares geográficos-culturais em que se encontram. Minha pesquisa concerne ao engajamento social e político dos inte- lectuais judeus da Europa central – em particular daqueles de sensibi- lidade utópico-romântica – no curso da primeira metade do século xx, ou seja antes de Auschwitz. A partir desse dossiê concreto, podemos esboçar, ao menos a título de hipótese, algumas proposições compa- rativas entre os intelectuais judeus da Europa ocidental e oriental – as- sim como os dos EUA – e os intelectuais não judeus da Europa central. O método utilizado combina a sociologia da cultura com a história social dos intelectuais: trata-se de situar as diferentes obras culturais produzidas por intelectuais judeus em seu contexto histórico e so- cial concreto.

[...] O “terreno” é essencialmente o mesmo: a cultura judaica da Mittele- Europa (Europa central) do início do século xx – com raras exceções: Bernard Lazare, escritor romântico e libertário francês –, assim como a abordagem que tento captar nas afinidades eletivas entre romantismo, messianismo e utopia. Contudo, o eixo principal que estrutura as in- vestigações aqui é a comparação, os “pensamentos cruzados” entre dois autores, ao mesmo tempo próximos e separados, convergentes e di- vergentes, semelhantes, mas, no entanto, irredutivelmente diferentes. Podemos falar, também nesse caso, de afinidades eletivas entre suas obras? Em alguns casos, sem dúvida, contudo essa não é a regra geral. Apesar de suas diferenças – consideráveis – e dos seus desacordos – evidentes –, a maioria dos autores pertence ao universo cultural do judaísmo romântico, e se interessa, ao menos em certos momentos do seu itinerário intelectual, pelo messianismo judaico e pelas uto- pias emancipatórias: esse é o caso de Walter Benjamin, Ernst Bloch, Martin Buber, Gustav Landauer, Franz Rosenzweig e Manès Sperber – assim como, com algumas nuances, e de uma maneira mais episódica, Georg Lukács. São eles que constituem o tema principal desta cele- brânea. **Michael Löwy, JUDEUS HETERODOXOS: Messianismo, Romantismo, Utopia.** São Paulo: Perspectiva.

Resumo de Judeus Heterodoxos

Esta obra é a continuação das pesquisas que iniciei com a publicação, em 1988, do livro *Rédemption et Utopie. Le judaïsme libertaire en Europe centrale* (Redenção e Utopia: O Judaísmo Libertário na Europa Central).

Mas, ao passo que aquele livro era uma tentativa de cartografia da cultura judaico-romântica na Europa central, com seus diferentes polos e suas correntes subterrâneas, *Judeus Heterodoxos* é, antes, um laboratório, uma coletânea de trabalhos empreendidos no curso dos últimos vinte anos, um conjunto de estudos de caso sem ambição de sistematização.

O “terreno” é essencialmente o mesmo: a cultura judaica da Mitteleuropa (Europa central) do início do século XX – com uma exceção: Bernard Lazare, escritor romântico e libertário francês –, assim como tento captar a abordagem realizada nas afinidades eletivas entre romantismo, messianismo e utopia.

Contudo, o eixo principal que estrutura as investigações neste livro é a comparação, os “pensamentos cruzados” entre dois autores, ao mesmo tempo próximos e separados, convergentes e divergentes, semelhantes, mas, no entanto, irredutivelmente diferentes.

[Acesse aqui a versão completa deste livro](#)